

ROGÉRIA NUNES HENRIQUES



ENSINO DE ARTES VISUAIS: ILUSTRAÇÃO EM SALA DE AULA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

ROGÉRIA NUNES HENRIQUES

ENSINO DE ARTES VISUAIS: ILUSTRAÇÃO EM SALA DE AULA

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Gabriela Maria Garzon

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Henriques, Rogéria Nunes, 1973 – Ensino de Artes Visuais: Ilustração em Sala de Aula: Especialização em Ensino de Artes Visuais / Rogéria Nunes Henriques – 2015.

34 f.

Orientadora: Gabriela Maria Garzon

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Garzon, Gabriela Maria. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada *Ensino de Artes Visuais: Ilustração em Sala de Aula*, de autoria de Rogéria Nunes Henriques, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^a. Gabriela Maria Garzon - Orientadora

Prof. João Augusto Cristelli de Oliveira – Membro da banca

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Agradeço as tutoras Marcella e Carolina pela dedicação e atenção ao longo de todo curso.

À minha orientadora Gabriela por sua disponibilidade em fazer os comentários e correções necessários para a realização desse trabalho.

Agradeço também aos colegas de curso pelos momentos de aprendizagem e força, em especial a Rosali pelo apoio e colaboração.

A instituição Aldeias SOS e aos alunos das oficinas que contribuíram com o presente estudo.

E a todos que de alguma forma contribuíram com a realização do presente estudo.

RESUMO

O presente trabalho aborda a utilização da ilustração no Ensino de Artes nas escolas. Esse estudo tem a pretensão de fazer uma relação entre arte, educação e a ilustração. O objetivo é apresentar a ilustração como uma proposta para despertar o interesse dos alunos para as Artes Visuais. Para a realização do estudo foi feito um levantamento bibliográfico sobre Ensino de Artes, desenho e ilustração. Como atividade prática foi realizada uma oficina na instituição Aldeias SOS. A oficina teve como base metodológica a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa. Pretendemos, assim, contribuir para o Ensino de Artes de qualidade.

Palavras-chaves: Ensino de Arte; Ilustração; Artes Visuais; Abordagem Triangular.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Sala onde era realizada a oficina	19
Figura 2: Parte do material disponibilizado para oficina	20
Figura 3: Ilustrações de Eliardo França	22
Figura 4: Ilustrações produzidas durante a oficina	23
Figura 5: Ilustrações produzidas durante a oficina	24
Figura 6: Fotos da oficina realizada nas Aldeias Infantis SOS de Juiz de Fora no período de 12/08/2015 a 23/09/2015.....	26

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. ENSINO DE ARTES E ILUSTRAÇÃO	11
1.1. Ensino de Artes nas Escolas	11
1.2. Ilustração e Ensino de Artes.....	13
2. A ILUSTRAÇÃO NA SALA DE AULA	16
2.1. Oficina de Ilustração.....	16
2.2. Experiência nas Aldeias Infantis SOS de Juiz de Fora	18
3. DISCUSSÃO E RESULTADO	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Meu primeiro contato com as Artes Visuais foi através dos livros infantis. Aquelas imagens repletas de cores e formas me transportavam para um mundo imaginário e fascinante. Foi a partir desse contato que me sensibilizei para a leitura de imagens e percebi o fascínio que elas exercem nas nossas vidas.

Foi, no entanto, no estudo mais aprofundado em Artes Visuais, através da Especialização em Ensino de Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFMG, que ao explorar as mais diversas técnicas de arte, possibilitou o contato novamente com a ilustração. Dessa forma, surgiu a vontade de aprofundar o estudo no tema. Nesse mergulho no mundo da ilustração pude perceber a importância das imagens para essas histórias e a maneira como as pessoas dão significados aos seus desenhos.

Afinal por que ilustrar? A ilustração mexe com nossos sentidos e sentimentos e estão à disposição para expandir o imaginário de cada um. Mas será que quando olhamos para os livros ilustrados damos conta de quantas informações visuais estão presentes ali naquelas imagens?

E por que estudar ilustração em sala de aula? O interesse pelo tema desse estudo surgiu, como foi dito anteriormente, das minhas vivências como apreciadora de ilustrações de livros, somado ao interesse em pesquisar a relação entre a ilustração e o ilustrador. Diante disso, fui buscar estabelecer uma conexão entre as ilustrações e a formação da sensibilidade e do pensamento dos alunos.

Como ponto de partida para esse estudo foi importante analisar algumas questões tais como: Qual o papel do ensino de Arte nas escolas? O que é ilustração? Qual a relação entre desenho e ilustração? Como as crianças percebem as ilustrações? Quais as possibilidades de se trabalhar com ilustração em sala de aula? A partir desses questionamentos apresentou-se

como problema central: Como a ilustração pode ser utilizada como uma forma de expressão?

O presente estudo tem como propósito abordar a experiência de utilização da ilustração em sala de aula, focando no objetivo principal que é investigar a possibilidade da contribuição do seu uso em aula como instrumento para auxiliar alunos no seu desenvolvimento. Em função dessa proposta esse estudo está direcionado em explicitar o quanto a ilustração colabora para a formação visual dos alunos e para descobrir o valor estético da imagem.

A justificativa desse estudo é integrar a prática artística à prática didática na área de Artes Visuais, aliando o conhecimento científico e a prática de pesquisa. Para a realização do estudo, além da pesquisa teórica, desenvolvemos também uma pesquisa prática através de oficinas de ilustração, realizadas com crianças assistidas nas Aldeias SOS de Juiz de Fora.

Esse estudo foi desenvolvido em três capítulos. O primeiro capítulo trata da fundamentação teórica e algumas considerações importantes em torno do ensino de Artes nas escolas. Além disso, apresentamos um estudo sobre a ilustração e o seu uso dentro do ensino de Artes.

No segundo capítulo é a descrição do processo de desenvolvimento de uma oficina prática de ilustração como proposta no Ensino de Artes. No sentido de aplicar atividade prática foi realizada a oficina na Instituição Aldeias Infantil SOS, buscando, dessa forma, relacionar o teórico ao prático.

Para finalizar o terceiro capítulo envolve as discussões e resultados obtidos na aplicação dessa oficina com análise do processo. E para encerrar uma reflexão do estudo nas considerações finais.

1. ENSINO DE ARTES E ILUSTRAÇÃO

1.1. Ensino de Artes nas Escolas

O ensino de Artes nas escolas passou por várias modificações ao longo do tempo. E, a maneira de ensinar e pensar o ensino de Artes nas escolas vem se transformando nos dias de hoje.

A necessidade de pensar o ensino de Artes levou a rever e mudar sua abordagem e importância. Um dos reflexos desse avanço é percebido quando os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1998 passam a reconhecer e dar um lugar de importância à disciplina de Ensino de Artes colocando-a no mesmo patamar que as demais disciplinas (BARBOSA, 2012). Sendo assim, a disciplina Arte passa então a ser reconhecida como área de conhecimento.

Neste contexto há também um reconhecimento do papel da escola como importante instrumento de formação social do aluno, segundo Derdyk: “a escola funciona como canal que operacionaliza, dentro da sociedade, a passagem de conteúdos que representam e participam de uma visão cultural, regional e universal do patrimônio humano do conhecimento” (DERDYK, 2015, p.27). Aliado a isso e diante desse novo olhar sobre o ensino de Artes, sua relevância torna-se mais evidente, pois segundo Ana Mae: “A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso à arte possível para vasta maioria dos estudantes em nossa nação” (BARBOSA, 2014, p.34). Assim sendo, diante desse reconhecimento do papel da escola na formação do indivíduo e do reconhecimento das Artes como área de conhecimento, o ensino de Artes na escola oferece ao aluno um importante instrumento de compreensão do mundo em que vive.

(...) é papel da escola estabelecer os vínculos entre os conhecimentos escolares sobre a arte e os modos de produção e aplicação desses conhecimentos na sociedade. Por isso um ensino e aprendizagem de arte que se processe criadoramente poderá contribuir para que conhecer seja também maravilhar-se, divertir-se, brincar com o desconhecido, arriscar hipóteses ousadas, trabalhar muito, esforçar-se e alegrar-se com descobertas. Porque o aluno desfruta na sua própria vida as aprendizagens que realiza (BRASIL, 1998, p.31).

Nota-se, nos dias atuais, um maior reconhecimento do ensino de Artes. Essa área de conhecimento tem apresentado cada vez mais relevância na vida das pessoas. Estamos o tempo todo rodeados por imagens, ideias e conceitos, pois a leitura de imagens está presente no decorrer do nosso dia a dia (BARBOSA, 2012, p.20). Nessa linha os Parâmetros Curriculares Nacionais apresentam com uma das finalidades do ensino de arte: “a arte como expressão e comunicação dos indivíduos” (BRASIL, 1998, p.52). Portanto, o conhecimento sobre Arte possibilita uma visão mais crítica e consciente e propicia a formação de pessoas mais participativas na sociedade.

As oportunidades de aprendizagem de arte, dentro e fora da escola, mobilizam a expressão e a comunicação pessoal e ampliam a formação do estudante como cidadão, principalmente por intensificar as relações dos indivíduos tanto com seu mundo interior como com o exterior (BRASIL, 1998, p.19).

Verifica-se cada vez mais a exigência de um leitor informado e um produtor consciente. Nessa linha, a leitura de imagens é algo fundamental, pois nessa trajetória ela ajuda: “a exercitar a consciência acerca daquilo que aprendemos por meio da imagem” (BARBOSA, 2012, p.20). Além disso, “A arte na Educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para identificação cultural e o desenvolvimento individual” (BARBOSA, 2012, p.19).

O ensino de Artes na escola também possibilita ao aluno um crescimento de experimentação e conhecimentos (BARBOSA, 2014). A importância de conhecer e experimentar permite o aluno fazer parte desse processo, segundo Derdyk, “Faz-se extremamente necessária, tanto para o adulto quanto para a criança, a inter-relação entre uma educação vivencial – a prática do sensível – e uma educação que visa o desenvolvimento da inteligência – a parte do conceito” (DERDYK, 2015, p.54).

A vivência prática ocupa um papel fundamental e inegável: sendo fato vivido, o educador mantém um grau de verdade naquilo que acredita como processo e postulado educacional. O educador “ouve” melhor as crianças (DERDYK, 2015, p.29).

A partir dessa nova abordagem e a necessidade de buscar uma linguagem mais próxima do aluno, o papel do arte/educador torna-se fundamental no sentido de abordar temas que vão ao encontro dessa nova proposta. Nesse sentido a ilustração se apresenta como uma boa opção para que os alunos possam ampliar seus conhecimentos em Artes.

1.2. Ilustração e Ensino de Artes

A ilustração está presente na vida das crianças desde muito cedo. Temos contato com livros repletos de imagens e cores durante todos os primeiros anos escolares. E, a grande maioria das escolas possuem bibliotecas com muitos livros ilustrados e a imagem é trabalhada em sala de aula através da leitura como suporte para vários textos. Nesse sentido, as ilustrações de livros didáticos e literários representam o primeiro contato imagético para muitos alunos.

No entanto, apesar da abrangência o conteúdo ainda é pouco explorado nas aulas de Artes. Esse distanciamento dificulta o exercício de reconhecimento das imagens nos livros e, portanto, é dada mais ênfase ao texto do que às imagens (AZEVEDO, 2015).

A origem da palavra ilustração vem do latim *illustratióne* que tem relação à ação de esclarecer, porém o conceito ultrapassa a ideia de suporte para a leitura, a ilustração mexe com o imaginário, ilustrar é interpretar por meio de cores, linguagens e técnicas (AZEVEDO, 2015).

Quando falamos de ilustração, outro conceito que tem relação direta é o desenho. O desenho, assim como a ilustração, está presente na vida das crianças desde muito cedo, pois: “O desenho é uma manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca, intercambiar, comunicar” (DERDYK, 2015, p.56).

A ação de desenhar aparece muito cedo e, de modos diversos, está presente em nossas vidas nas anotações ao pé do telefone, nos rabiscos, nos croquis, nos mapas e na assinatura que nos caracteriza, diferencia e representa ao registrarmos com uma caneta nosso nome em um papel (COELHO, 2009, p.2).

Mas afinal o que é desenho? Várias são as definições do que é desenho. Derdyk em seu livro “Formas de Pensar o Desenho”, trabalha com um conceito de desenho a partir de um campo ampliado, onde o desenhar não se limita a utilização de um lápis e papel:

O desenho possui uma natureza específica, particular em sua forma de comunicar uma ideia, uma imagem, um signo, por meio de determinados suportes: papel, cartolina, lousa, muro, chão, areia, madeira, pano, utilizando determinados instrumentos: lápis, cera, carvão, giz, pincel, pastel, caneta hidrográfica, bico de pena, vareta, pontas de todas as espécies (DERDYK, 2015, p.32).

Segundo Derdyk, o desenho tanto da criança quanto do adulto não são produções isoladas: “ambos participam do patrimônio humano de aquisição de conhecimento, complementando-se, remetendo-se” (DERDYK, 2015, p.27). E, podemos complementar com Coelho: “Uma das características mais destacadas do desenho é a de ser um contínuo entre o pensamento e o seu registro imediato, através de um movimento” (COELHO, 2009, p.2).

Não é intenção dessa pesquisa discutir o conceito de desenho, mas utilizá-lo para envolver a questão da ilustração no ensino de Artes, pois segundo Derdyk: “O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário.” Para esta autora, o desenho é algo que não se completa, mas provoca, é um convite, é uma forma de pensar (DERDYK, 2015, p.32).

Esse convite e essa forma de pensar são percebidos na arte de ilustrar texto, pois a ilustração tem uma relação direta com o imaginário. “A ilustração, o desenho animado, a história em quadrinhos, a propaganda, a embalagem são representações que se tornam quase realidade.” E complementando:

“Desenhar é uma atividade lúdica, reunindo como em todo jogo, os aspectos *operacional e imaginário*” (DERDYK, 2015, p.77).

Percebe-se que a ilustração também tem envolvimento com sentimentos e sentidos. “O desenho traduz uma visão porque traduz um pensamento, revela um conceito” (DERDYK, 2015, p.114). Complementando: “Ao desenhar, a criança expressa a maneira pela qual se sente existir” (DERDYK, 2015, p.52).

O convite para ilustrar um texto possibilita ao aluno contato direto com as Artes Visuais. “A vivência é a fonte de crescimento, o alicerce da construção de nossa entidade. Fornece um leque de repertório, amplia a possibilidade expressiva” (DERDYK, 2015, p.25). Além disso: “O ato de conhecer e o ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar.” E por fim: “A vivência pode significar um caminho aberto para o desconhecido, ampliando a nossa consciência” (DERDYK, 2015, p.27).

O desenho requisita uma postura global. Desenhar não é copiar formas, figuras, não é simplesmente proporção, escala. A visão parcial de um objeto revelará um conhecimento parcial desse mesmo objeto. Desenhar objetos, pessoas, situações, animais, emoções, ideias são tentativas de aproximação com o mundo. Desenhar é conhecer, é apropriar-se (DERDYK, 2015, p.38).

Outro ponto relevante da ilustração é que a mesma envolve várias possibilidades de utilização de diversos tipos de materiais e várias técnicas tornando-a mais acessível.

Numa sociedade com condições precárias de sobrevivência cultural como a nossa, o desenho aponta uma grande vantagem: basta ao artista um lápis e um papel e eis o seu tratado. Nesse sentido, o desenho funciona, por suas mínimas exigências de concretude material, como uma arma de combate, instrumento de guerrilha, a arte do mínimo, a arte da sobrevivência (DERDYK, 2015, p.52).

Enfim, a utilização da ilustração nas aulas de Artes Visuais atende as orientações da proposta do ensino de Artes, tais como: trabalhar com o imaginário e trabalhar com a leitura de imagem.

2. A ILUSTRAÇÃO NA SALA DE AULA

2.1. Oficina de Ilustração

A ilustração é uma linguagem visual e artística que também tem função de agregar informações ao texto. Podem existir diversas técnicas de ilustração, desenho, pintura, carimbo, colagem e outras.

Nesse estudo usaremos como base teórica para construção da nossa oficina a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa (BARBOSA, 2014), que é a principal referência do Ensino de Artes Visuais no Brasil. A oficina se baseará na leitura de imagens, contextualização e prática artística. Nessa proposta os alunos tomarão conhecimento do que é ilustração, alguns ilustradores e seus trabalhos, terão oportunidade de refazer algumas ilustrações e por fim serão convidados a fazer suas próprias ilustrações a partir de textos. A ideia que permeia o trabalho é a recriação de um texto em imagem. Para realização da atividade o aluno não deverá ficar limitado só ao desenho, podendo trabalhar várias expressões artísticas tais como: desenho, carimbos, colagem, ou mesmo pintura, dando a liberdade de se expressar de diferentes formas artísticas.

O objetivo principal dessa oficina é apresentar a ilustração para crianças/adolescentes e conduzir os alunos a realizar a atividade de modo consciente e crítico, incentivando as transformações e criações para que eles possam perceber como as pessoas têm diferentes percepções sobre o que lhes é contado.

Para desenvolver a metodologia dessa proposta de oficina e fugir da questão faça um desenho para o texto, eles deverão ser desafiados a pensar e ir além. Com esse objetivo estruturamos a oficina em três etapas.

A Primeira etapa consiste em conhecer ilustradores e realizar a análise visual de livros com ilustrações. Além de apresentar os livros e propor um momento para a leitura das imagens, conduzir um debate sobre as possíveis diferenças

entre as várias imagens e técnicas utilizadas, questionar o que pensam sobre cada uma delas. Nesse caso, se ela apenas representa o texto ou agrega informações, se a técnica empregada é pertinente ao suporte e ao texto e outros. Essa oportunidade possibilita que eles observem as soluções encontradas por profissionais para ilustrar questões abstratas, como os sentimentos de um personagem. Nesse momento será escolhido um ilustrador para ser trabalhado, utilizando como critério a aproximação com os alunos, seja de linguagem, seja geográfica, que tem como objetivo contextualizar, pois segundo Ana Mae: “mostrar que a arte não está isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal” (BARBOSA, 2014, p.20).

O fazer arte exige contextualização, a qual é a conscientização do que foi feito, assim como qualquer leitura como processo de significação exige a contextualização para ultrapassar a mera apreensão do objeto (BARBOSA, 2014, p.XXXIII).

A segunda etapa é um convite a transformar ilustrações. Nesse momento os alunos começarão a produzir ilustrações levando em consideração algumas já existentes nos livros apresentados. O objetivo é aprimorar o olhar dos alunos, isto porque eles precisam analisar o que está pronto e propor algo novo. Não se trata de cópia, os alunos deverão analisar o original e propor mudanças e transformações, eleger pontos e traços que gostaria de crescer. Para Derdyk “imitar não implica necessariamente ausência de originalidade e de criatividade, mas o desejo de incorporar objetos que lhe suscitam interesse” (DERDYK, 2015, p.113). Posteriormente discutir com eles sobre o que fizeram: O que mudou em relação ao original? Por quê? O que foi mantido? Por quê? Sobre trabalhar com imagens que já existem Derdyk coloca:

A imitação possui um significado distinto da cópia. Ela decorre da experiência pessoal, orientada pela seleção natural que a criança efetua dos “objetos”, para então apropriar-se deste ou daquele conteúdo, forma, figura, tema através da representação. Imitar é a maneira de se apropriar. A capacidade de imitar só é possível quando a criança está apta a reproduzir e simbolizar imagens mentais internas (DERDYK, 2015, p.111).

Por fim, a terceira etapa é caracterizada por Ilustração de textos. A partir da escolha de alguns textos selecionados pelo professor os alunos terão

liberdade para criar sem deixar de levar em conta os trabalhos anteriores. Nesse momento o aluno deverá discutir também a técnica a ser usada, portanto deverá optar por uma técnica e elaborar uma ilustração para a narrativa. Nesse caso, as referências já analisadas e o que os estudantes sabem fazer são de grande ajuda para tomar essas decisões. O ensino de Artes por meio de oficinas conduz a utilização da teoria e prática, permite ao aluno explorar suas habilidades e produção artística.

O resultado final do trabalho dos alunos poderá ser mostrado em uma exposição coletiva, de forma a propiciar ao aluno a identificação com o trabalho realizado. Segundo Derdyk: “O resultado também é muito importante para a criança” (DERDYK, 2015, p.97).

A estratégia é fazer com que o aluno compreenda a importância da leitura de imagens, o valor da ilustração dos textos e provocá-los a fazer a relação entre ilustração e texto, ampliando assim seu repertório. Segundo Derdyk: “O ato de conhecer e o ato de criar estabelecem relações: ambos suscitam a capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar, significar” (DERDYK, 2015, p.27). A pesquisa pretende apresentar que é possível explorar o ensino de Artes Visuais em escola pública, com poucos recursos.

2.2. Experiência nas Aldeias Infantis SOS de Juiz de Fora

O espaço escolhido para o desenvolvimento da oficina foi a Aldeias Infantis SOS. A instituição fica localizada em Juiz de Fora, no endereço: Avenida Juiz de Fora, número 667, no bairro Grama.

Aldeias Infantis SOS é uma organização internacional,² não governamental, sem fins lucrativos que atua na área de acolhimento. Sua estrutura tem como base a busca de recriar o ambiente familiar para as crianças por meio de núcleos familiares com uma mãe social. Em Juiz de Fora a unidade foi fundada em 1984 e acolhe crianças que são encaminhadas pelas

² Disponível em: <<http://www.aldeiasinfantis.org.br/>>. Acesso em: 10 set. 2015

autoridades. As idades dos assistidos variam de 0 a 18 anos. É uma instituição com estrutura socioeducacional, nela são garantidos os direitos básicos, como: alimentação, educação, lazer, saúde e convívio familiar, portanto as crianças residem na instituição em núcleo de lares. Atualmente são sete famílias, sete lares, com uma mãe-social em cada, que cuida da casa/lar e da formação das crianças.

A localização da instituição fica numa região periférica. Os assistidos moram na instituição e estudam em escolas do bairro. As crianças frequentam as escolas regulares e retornam à instituição. Muitos alunos possuem defasagem em relação à idade e a série escolar, muito em função da situação em que viviam anteriormente.

Sua estrutura física é composta por casa/lares, além de possuir alguns espaços públicos externos, como quadra, piscina. Também possui espaços onde acontecem algumas oficinas realizadas por funcionários da instituição e por voluntários. O local escolhido para aplicação da oficina fica localizado na parte administrativa da instituição. Esse espaço possui materiais para trabalhos artísticos, aparelhos musicais, brinquedos, biblioteca. Apesar de ser um espaço público, o seu acesso é restrito aos assistidos que frequentam as oficinas.



Figura 1: Sala onde era realizada a oficina. Fonte: Acervo pessoal.

A maioria dos alunos já tem ou tiveram algum contato com as Artes nas escolas, pois são matriculados em escolas regulares. Além de já terem participado de oficinas na própria instituição anteriormente.

Para a seleção dos alunos que participariam da oficina foi levado em consideração o horário. Como a oficina foi realizada na parte da manhã, os alunos tinham idade de 7 a 15 anos, que são meninos que estudam à tarde. Selecionamos um grupo médio de dez alunos. Os alunos tinham idades variadas porque se trata de uma instituição que tem crianças e adolescentes de várias idades e sexo. A seleção se fez em forma de convite, ou seja, os alunos que participaram externaram interesse pela oficina. Por ser a instituição um lar provisório, alguns alunos entraram e saíram das oficinas no meio do processo, seja por interesse, seja por motivo de força maior.

O número de encontros foi estabelecido como oito encontros de uma hora de duração cada. Essa frequência se fez necessária com o objetivo de estabelecer uma relação de afinidade e confiança com os alunos. Nas oficinas havia um comparecimento em média de seis alunos. Todo material utilizado na pesquisa foi fornecido pela Aldeia SOS, material que já existia na instituição, alinhando dessa forma a proposta de realizar uma oficina de baixo custo e acessível. A oficina aconteceu no período de 12/08/2015 a 23/09/2015.



Figura 2: Parte do material disponibilizado para oficina. Fonte: Acervo pessoal.

Conforme planejado, no primeiro momento da oficina foram apresentados aos alunos vários livros ilustrados. Grande parte deles pertencem à própria biblioteca da instituição. Essa etapa foi um pouco teórica, eles tiveram a oportunidade de conhecer as ilustrações de diversos artistas e puderam manusear os livros e perceber as várias formas de ilustrações.

Nesse primeiro momento aconteceu também a apresentação do projeto aos alunos, porém eles tiveram alguma dificuldade em aceitar a ideia de utilizar livros nessa oficina, pois a proposta remetia a ideia de atividade escolar, reforço ou algo similar e, além disso, havia uma expectativa de ser uma oficina de desenho. Durante vários momentos da oficina uma funcionária da instituição acompanhou as atividades, essa funcionária trabalhava paralelamente a leitura com esses alunos. Nesses primeiros encontros a média de participante da oficina era de oito alunos. Para alguns desses alunos era a primeira vez que entravam nesse espaço da instituição, o que no início dispersou um pouco a atenção, pois existiam muitos brinquedos e atrativos na sala. Apesar de algumas particularidades citada acima, o alunos participaram das atividades propostas.

Para trabalharmos a contextualização foi utilizado o trabalho do ilustrador Eliardo França. A escolha se fez em função do autor morar em Juiz de Fora, portanto é bem conhecido na cidade e alguns dos alunos já participaram de palestras do mesmo. A ideia de utilizar um ilustrador local teve como objetivo mostrar que a ilustração não é algo distante, mas uma realidade próxima do cotidiano deles.

Após conhecerem o trabalho e história do ilustrador os alunos começaram a compreender melhor a proposta da oficina de ilustração, pois uma boa parte já conhecia o Eliardo França de alguns eventos na cidade e, portanto, houve uma aproximação maior com o tema. Ouvir e ver o trabalho do ilustrador permitiu que os alunos pudessem ter uma compreensão maior da leitura de imagem nos livros infantis. Para alguns alunos estava começando nesse momento a oficina de ilustração, pois os livros remetiam mais a ideia de leitura de texto do que leitura de imagem.

Eliardo França é ilustrador e artista plástico. Nasceu em Santos Dumont, cidade próxima a Juiz de Fora. Começou a sua vida profissional em 1966 ilustrando livros infantis. Junto com sua esposa Mary França, tem livros publicados em várias línguas.³

Alguns trabalhos de Eliardo França:



Figura 3: Ilustrações de Eliardo França. Disponível em: < <http://ospingos.blogspot.com.br/>> Acesso em: 15 ago. 2015

Depois desse primeiro contato com ilustrações e o artista Eliardo França, por meio de um vídeo de depoimento e trabalhos por ele realizados, os alunos foram convidados a refazer algumas ilustrações. Foram selecionados livros, que pertencem à biblioteca da instituição, para que os participantes pudessem propor uma nova capa para os mesmos. Nesse momento os alunos passaram a ter contato com os materiais para a produção de ilustrações.

³Disponível em: < <http://ospingos.blogspot.com.br/>> Acesso em: 15 ago. 2015

Os alunos escolheram o livro que utilizariam como referência, e também puderam começar a escolher o material que iriam trabalhar, a grande maioria optou por materiais conhecidos tradicionalmente do desenho, como o lápis, lápis de cor, canetinha e papel branco. Alguns alunos quiseram copiar colocando o papel sobre o desenho, mas outra parte dos alunos já compreenderam a proposta do trabalho. Os que manifestaram interesse por colocar o papel sobre o desenho e fazer uma reprodução foram desencorajados e incentivados a fazer o seu próprio desenho. Esses alunos argumentaram que não sabiam desenhar e a presença do desenho pronto lhes causava certo conforto. Quanto aos demais alunos realizaram os desenhos de forma a aproveitar alguns traços do autor do livro original.

Alguns trabalhos realizados durante essa etapa:



Figura 4: Ilustrações produzidas durante a oficina realizada nas Aldeias Infantis SOS de Juiz de Fora no mês de setembro de 2015. Fonte: Acervo pessoal.

Na sequência, os alunos foram convidados a fazer suas próprias ilustrações a partir de textos pré-selecionados e os materiais disponibilizados. Nesse momento eles puderam experimentar e utilizar a criatividade.

Nessa etapa parte dos alunos já estavam preparados para fazer suas propostas dos desenhos, alguns utilizaram materiais alternativos como colagem, carimbo, papéis de cor diferente e outros. Os alunos começaram a apresentar traços particulares em seus desenhos, apesar de serem apresentados a outras formas de expressão artísticas os alunos tiveram um interesse pelo desenho na sua forma tradicional.

Alguns trabalhos realizados durante essa etapa:



Figura 5: Ilustrações produzidas durante a oficina realizada nas Aldeias Infantis SOS de Juiz de Fora no mês de setembro de 2015. Fonte: Acervo pessoal.

Como encerramento e como forma de devolver aos alunos os trabalhos realizados, nos propomos fazer um livro manual, composto por um texto e as ilustrações deles, para que dessa forma eles pudessem ter um retorno e reconhecimento de seus trabalhos.

Fotos tiradas da oficina no período de 12/08/2015 a 23/09/2015

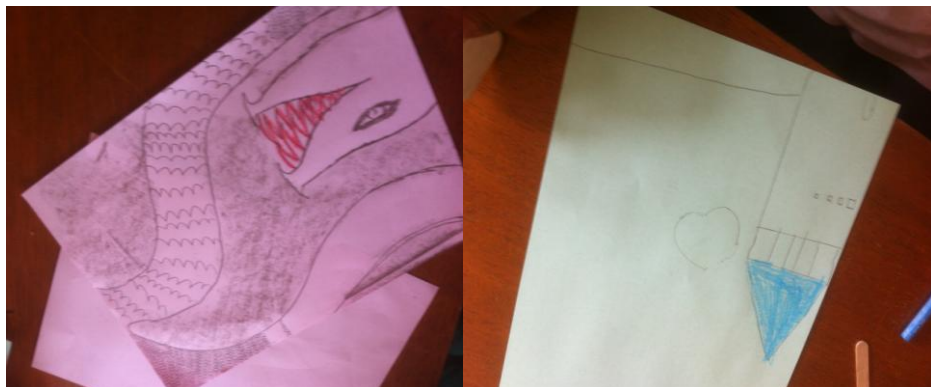
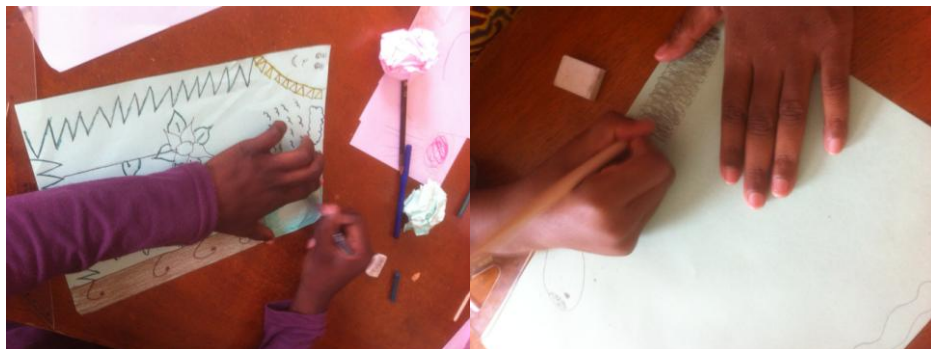
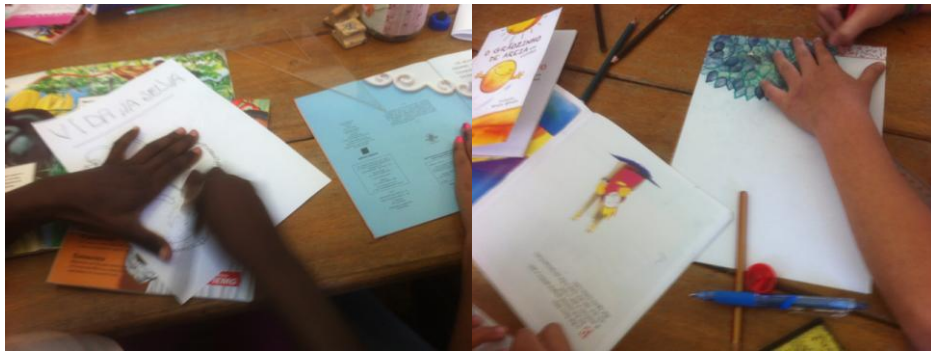




Figura 6: Fotos da oficina realizada nas Aldeias Infantis SOS de Juiz de Fora no período 12/08/2015 a 23/09/2015. Fonte: Acervo pessoal.

Ao final dos oito encontros cada aluno pode produzir suas ilustrações e serão objetos de análise no próximo capítulo.

3. DISCUSSÃO E RESULTADO

A proposta de oficina de ilustração foi desenvolvida com o objetivo de explorar a relação entre teoria e prática no que se refere às Artes Visuais, estimulando a produção artística e o desenvolvimento da capacidade de leitura de imagens.

A metodologia da oficina foi construída a partir de estudos de alguns autores sobre o Ensino de Artes entre eles: Ana Mae Barbosa e Edith Derdyk. Essa proposta visa construir um modelo que fosse possível em qualquer espaço educacional e acessível ao educador.

A decisão de aplicar a oficina e não ficar apenas num estudo teórico surgiu da necessidade de ver e poder acompanhar os resultados e também por compreender a experiência como construção do conhecimento.

A escolha por uma instituição e não por uma escola regular ocorreu em função da busca por um grupo mais heterogêneo quanto à idade dos participantes, acreditando que essa escolha tornaria o trabalho mais rico e representativo.

A princípio estava bastante hesitante em saber como seria recebida pelos alunos e pela instituição, pois eu não os conhecia, não havia tido um contato anterior. Quando a proposta foi apresentada, foi muito bem aceita tanto pela instituição quanto pelos alunos participantes. Além disso, a instituição possui uma infraestrutura que permite o desenvolvimento de diversas oficinas e trabalhos similares.

A participação da instituição durante o processo foi muito importante, pois além de ceder o espaço, os alunos e todo material para a realização da oficina, também disponibilizou uma pessoa para nos acompanhar durante a realização das oficinas, que era necessário para começar estabelecer uma relação de aproximação com os alunos.

Logo no início constatamos que diante da realidade percebida era fundamental repensar e readequar a proposta da oficina. Em função disso algumas mudanças no projeto foram necessárias para adequar ao público, afinal é importante tornar o projeto mais flexível, ajustando-o ao ambiente, ao público e às necessidades dos alunos. As mudanças ocorridas foram:

Quanto à idade dos participantes, que a princípio seria acima de 7 sem limite de idade. Porém em função do horário das oficinas foi necessário alterar a idade dos alunos para até 15 anos, pois são alunos que frequentam as aulas regulares no turno da tarde.

Também a apresentação do resultado final, que na proposta seria uma exposição para toda a instituição, porém acabou se transformando em um livro ilustrado, pois foi observada uma relação de competitividade entre as casas.

Quando iniciamos a parte prática alguns fatos já foram relevantes para o resultado. O primeiro deles foi quanto ao significado de algumas palavras, uma delas foi em relação à palavra “atividade” que os meninos não aceitaram, pois soava para eles como algo que remete a trabalho, o que no mesmo momento foi substituída pela palavra “oficina” palavra que para eles sugere atividades recreativas, sem obrigações escolares.

Os alunos dessa instituição possuem uma característica particular, como se trata de um lar provisório, há uma rotatividade dos alunos, o que teve alguma interferência no resultado da oficina. Constatamos que os alunos que participaram desde o início da oficina apresentavam um envolvimento e entendimento maior do tema, já os outros eram mais dispersos e descomprometidos com o trabalho.

Com relação ao tempo proposto para a realização da oficina, que foram oito encontros de uma hora, observa-se que apresentou-se de forma satisfatória para a realização das atividades. A periodicidade das oficinas, que ficou definida com uma vez por semana, foi importante para criar um vínculo entre

os alunos, mas também possibilitou que alguns alunos deixassem de participar e outros começassem a participar, tendo em vista as peculiaridades abordadas anteriormente.

No que se refere ao espaço físico utilizado para realizar a oficina, verificamos que o ambiente lúdico reservado para a realização da oficina colaborava para a realização dos trabalhos, porém também promovia dispersão de alguns alunos, principalmente, os mais novos que encontravam no espaço uma possibilidade de diversão e também pelo fato de que o espaço era utilizado só em momentos de oficinas.

Porém, quanto ao público que participou da oficina, foi constatado que a escolha do público-alvo é importante, pois os alunos com idades de 7 a 10 anos apresentaram mais dificuldade de concentração diante de tantos atrativos que possuía a sala. Já os alunos com idades superiores conseguiram obter um resultado mais significativo.

Já no que diz respeito ao material utilizado durante o processo podemos, considerar satisfatório, pois foram disponibilizados vários recursos, tais como papéis, carimbos, lápis, lápis de cor, revistas para recortar, colas, canetinhas, tintas e outros, que permitiram que a oficina acontecesse, proporcionando aos alunos suporte suficiente para realização de seus trabalhos.

Diante das experiências vivenciadas no decorrer da oficina observa-se que o papel do educador é fundamental tanto na orientação quanto na proposição de material. O papel em assumir um compromisso com a disciplina de Artes, promovendo a apreciação, desafiando, encorajando, abrindo o universo das imagens para os alunos. Criando oportunidades para que o aluno possa valorizar o seu processo criativo e desenvolver a sensibilidade em relação a tudo que está à sua volta. Além disso, o profissional deve ter um espaço adequado para realizar o trabalho. Um espaço específico é importante para criar um ambiente criativo.

Durante o decorrer da oficina ficou clara a importância de proporcionar ao aluno a proposta do apreciar, contextualizar e fazer. Após a atividade concluída constatamos que os alunos que participaram de todos os processos tiveram um trabalho de melhor qualidade, além de fornecer um trabalho bem mais conciso em comparação aos alunos que participaram em alguns momentos apenas. Em geral, as crianças tiveram grande envolvimento, demonstraram interesse nos trabalhos realizados.

Outro fato relevante para a interferência na oficina foi o acompanhamento de uma funcionária da instituição nas oficinas, que trabalhava com reforço de leitura, o que no primeiro momento ocorria paralelo às atividades das oficinas. Isso possibilitou no início certo desconforto para os alunos, pois remetia à ideia de reforço escolar.

Alguns alunos apresentaram alguma dificuldade em exercitar as atividades, o que foi demonstrado com frases do tipo: “vamos fazer desenho livre” ou “posso copiar o desenho?” ou ainda: “vamos colorir?”. Talvez isso se deva ao fato de que os alunos ainda estivessem presos a modelos de Ensino de Artes baseados na repetição, cópia e na ação de colorir desenhos, ainda muito utilizado em escolas, na busca por um lugar mais confortável para eles.

Por fim, percebe-se que o Ensino de Artes Visuais nem sempre acontece de forma linear. Os resultados dos trabalhos dos alunos não são iguais. Observa-se que os desafios propostos são percebidos de diferentes formas pelos sujeitos que participam do processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando na minha infância olhava aqueles livros ilustrados não tinha ideia de como eles seriam importantes para a minha formação. Não imaginaria que aquelas imagens, que me transportavam para universos mágicos, ainda me despertariam muito interesse a ponto de dar origem a este estudo. Essa reflexão me fez pensar sobre a pergunta inicial: Será que quando olhamos para os livros ilustrados damos conta de quantas informações visuais estão presentes naquelas páginas?

O Ensino de Artes Visuais nas escolas pode orientar essa leitura das imagens dos livros. A ilustração se apresenta como uma linguagem mais próxima dos alunos, pois está presente na realidade de todas as escolas. Os livros ilustrados são materiais de fácil acesso, sendo uma forma de contato mais próximo com a leitura de imagem e, portanto, uma porta aberta para o contato com as artes.

Ao entrar em contato com um livro ilustrado remetemos a uma educação visual que nos permite compreender o mundo à nossa volta, quem somos, onde estamos e para onde vamos. Os ilustradores trazem no seu desenho suas percepções, pois a imagem participa do seu desenvolvimento enquanto sujeito.

A ilustração é, portanto, um caminho de acesso à linguagem visual e à sensibilização do olhar, uma importante forma de desenvolver o olhar crítico para as imagens. A partir do estímulo do educador é possível sensibilizar o olhar cuidadoso frente ao mundo imagético que nos rodeia.

Nesse mundo repleto de imagens, as Artes Visuais dentro do Ensino de Arte nas escolas podem ser mais exploradas. Portanto trabalhar com ilustração nas escolas é uma necessidade no mundo contemporâneo.

O que este estudo tem como proposta é que o educador, a partir de recursos simples possa trabalhar essa leitura de imagens em sala de aula, tornando possível experimentar o uso de ilustração nas aulas de artes.

Observa-se nesse estudo que é interessante propor o uso de oficinas práticas e teóricas, pois foi possível constatar que a utilização de oficina foi uma maneira eficaz de abordar a questão da ilustração. O interesse dos alunos pela oficina reforça a ideia de estabelecer uma linguagem mais próxima e agradável. E nessa proposta o fazer, apreciar e contextualizar é fundamental no desenvolvimento do processo.

Durante a aplicação da oficina foi possível perceber que apesar de alguns alunos da instituição apresentarem uma defasagem cognitiva, muito em função das suas experiências traumáticas de vida, isso não implicou numa falta de interesse em artes e em ampliar o seu universo cultural.

Com isso podemos concluir que a percepção do aluno é direcionada para onde ele aprendeu a olhar. Esse olhar se volta para a direção que foi ensinada como interessante. Sendo assim, quando mais estimulado, mais aguça o seu olhar.

Ao fazer uma reflexão sobre a execução da oficina podemos rever as nossas práticas pedagógicas e iniciar uma mudança no pensar enquanto educador, para poder ir além de promover uma prática diferenciada aos alunos. Nesse sentido algumas observações foram relevantes, entre elas a importância de ter um conhecimento prévio do público que será trabalhado e conhecer o espaço previamente.

Com esse estudo podemos concluir também que o educador possui à sua disposição diversos materiais e recursos simples e fáceis de encontrar para desenvolver o seu trabalho, porém é necessário um olhar mais atento a esses materiais e aos alunos. Sendo assim, é importante o aprendizado contínuo do educador.

Enfim, ao utilizar a ilustração como objeto de estudo buscamos colaborar com o diálogo a respeito de Arte e Educação. Esse estudo tem a pretensão de ser um estímulo para que o educador possa ter mais instrumentos para sensibilizar os alunos para um olhar cuidadoso diante do mundo imagético que está à sua volta. Porém, o estudo apresentado foi apenas um passo para a introdução do tema da ilustração em sala de aula, na perspectiva de contribuir com a construção de uma educação de qualidade no Ensino de Artes Visuais.

REFERÊNCIAS

ALDEIAS INFANTIS SOS BRASIL. Disponível em: <<http://www.aldeiasinfantis.org.br/>> Acesso em: 10 set. 2015.

AZEVEDO, Ricardo. **Texto e imagem: diálogos e linguagens dentro do livro**. 1998. Disponível em: <<http://www.ricardoazevedo.com.br>> Acesso em: 16 jun. 2015.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino de Arte: anos 1980 e novos tempos**. 9ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae (org). **Inquietações e Mudanças no Ensino de Artes**. 7ª Ed, São Paulo: Cortez, 2012.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: arte/** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/artes.pdf>. Acesso em: 21 de set. 2015.

COELHO, Rodrigues Borges. O desenho ou a vontade do seguinte. In: PIMENTEL, Lucia Gouvêa et al. **Curso de especialização em ensino de artes visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, c2009.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil** – 5ª Edição, Porto Alegre: Zouk, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.